

Daniel PERDIÃO  
(Universidade de Bucareste /  
Camões, I.P. – Portugal)

**Brederode e Mateiu Caragiale.  
Martinho de Brederode, poeta,  
embaixador e personagem literária**

**Abstract: (Brederode and Mateiu Caragiale. Martinho de Brederode, poet, ambassador and literary character).** The scion of one of the most famous Portuguese aristocratic families, with an equal Dutch lineage, Martinho de Brederode attended, during 1883-1884, the first year's classes of Coimbra University, only to obey the family tradition as to pursue a career in the Navy. In 1899 he began his life-long diplomatic career and, in between two appointments abroad, he succeeded to write three volumes of poetry, then quite an useful achievement to ensure high positions, either in the public service or in diplomacy.

During his diplomatic stay in Bucharest, 1919-1933, Brederode became acquainted with the great playwright Caragiale's son, Mateiu, himself a poet and author to be of a single novel. Brederode occasionally employed Mateiu Caragiale for various jobs, mainly translations of diplomatic propaganda to be published by the Romanian press. For a certain time, the Romanian writer became his confident and friend. This friendship between a Portuguese diplomat and a "marron diplomat", which Mateiu Caragiale had always struggled to become and had never succeeded, was the inspiring source for one of the most fascinating characters of Craii de Curtea Veche, Pantazi. This presumed Levantine is nobody else but the mirror reflex of the Portuguese-Dutch aristocrat Martinho de Brederode.

**Keywords:** History of Literature, Comparative Literature, Mateiu Caragiale, Martinho de Brederode, Dandism

**Resumo:** Oriundo de uma família da mais nobre aristocracia luso holandesa, Marinho de Brederode frequentou em 1883-84 o primeiro ano da Universidade de Coimbra para dar curso a uma tradição familiar que lhe predestinava uma carreira militar na armada. Em 1889 entra para a carreira diplomática e entre duas nomeações no estrangeiro publica três volumes de versos que lhe angariam fama de poeta, muito útil naquele tempo para a progressão e nomeação em altos cargos na função pública e na carreira diplomática.

Durante o seu mandato diplomático em Bucareste (1919-1933), conheceu o filho do grande Caragiale, Mateiu, também ele poeta e futuro autor de um único romance. Martinho de Brederode conviveu e contratou Mateiu Caragiale para a execução de trabalhos de vária ordem, principalmente traduções de material de propaganda diplomática para a imprensa romena. Durante algum tempo o escritor romeno foi seu confidente e amigo. Dessa amizade entre o ministro português e o "Ambassadeur marron" que Mateiu ambicionava e nunca chegou a ser, havia de resultar a inspiração para um dos mais fascinantes personagens do célebre romance "Craii de Curtea Veche", Pantazi, retrato de um suposto levantino inspirado em reflexo de espelho no aristocrata luso holandês Brederode.

**Palavras-chave:** História da literatura; Literatura Comparada; Mateiu Caragiale; Martinho de Brederode; Dandismo

O primeiro contacto fisicamente real e não miticamente imaginário, estabelecido a nível cultural entre Portugal e a Roménia, foi feito por um português, Martinho de Brederode, e proporcionado pela abertura da Legação da República Portuguesa no Reino da Roménia em 1919.

Martinho de Brederode foi nomeado ministro plenipotenciário de Portugal simultaneamente em Bucareste, Belgrado e Atenas. A escolha de Bucareste para a abertura da Legação portuguesa ficou a dever-se provavelmente ao facto de a Roménia ter entrado na Grande Guerra no mesmo ano de 1915 em que entrou Portugal, do qual se tornou aliada. Haveria, talvez, também no espírito da diplomacia portuguesa da época, ainda influenciada

pelo peso de um pessoal de carreira herdado do antigo regime, a ideia de explorar eventuais afinidades ou dividendos políticos decorrentes do facto de o herdeiro da Coroa de Carol I de Hohenzollen Sigmaringen, o rei Fernando, ser filho da infanta Maria Antónia de Portugal, portanto meio português por linha materna.

D. Martinho de Brederode, como veremos, é o tipo acabado de diplomata de carreira, monárquico, sobrevivendo à implantação da República graças à proteção do irmão, Fernando Brederode, condiscípulo de António Nobre em Coimbra, herói republicano do 31 de Janeiro e ministro de diversas pastas em dois gabinetes da Primeira República; também romancista envergonhado e cético - usou o pseudónimo Marco Sponti -, igualmente poeta de alguma notoriedade passageira.

Nascido a 15 de abril de 1866, a sua carreira como diplomata começa em 1889, aos 23 anos, depois de se ter habilitado com o curso de letras. Antes de atingir o topo da carreira como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, a sua folha de serviço inclui a passagem e permanência mais ou menos prolongada pelas Legações de Tanger e de Pequim. De volta à Europa em 1912, cumpriu missões em Cádiz, Paris, Roma, para em 1919, assentar praça definitivamente em Bucareste, ascendendo ao topo da carreira.

Quando dizemos definitivamente, referimo-nos ao facto de, à parte umas férias prolongadas, passadas entre 1920 e 1922 em Portugal por ocasião do falecimento de sua mãe, nunca mais ter abandonado a Roménia, mesmo depois da sua aposentação compulsiva em 1934, e até à morte, em 1952. Em 1948, com a idade de 82 anos, casou com uma senhora romena, Cornelia Hertia, de 40 anos de idade<sup>1</sup>.

Filho primogénito de uma família aristocrática dos quatro costados, foi educado, juntamente com seu irmão, o futuro herói republicano, pela avó materna D. Júlia Castelo Branco, herdeira, por casamento com o Conde de Vila Real, do Solar de Mateus, onde, tendo ficado órfãos, passaram parte da sua infância.

Pelo lado paterno, virá a herdar, por linha colateral, o título de Conde da Cunha, de que só fazia caso por ser o de D. Luís da Cunha, o célebre embaixador de D. João V e mentor político do futuro Marquês de Pombal.

Era um homem prático, consciente da caducidade do valor social dos títulos e honrarias da sua classe, que no íntimo apreciava, deixando-o transparecer na arrogância do seu comportamento e no desprezo que votava ao novo-rico do pós-guerra. A mesma atitude prática levou-o também a menosprezar o valor da literatura a que na juventude se dedicou moderadamente. Teve pelo romance de análise psicológica e social reticências, que provavelmente o motivaram a publicar a sua única produção desse género *A Morte do Amor* (1894) com o pseudónimo de Marco Sponti. O receio de prejudicar a sua carreira com um romance queirosiano em tom menor, mas com adultérios, mulheres emancipadas e espanholas à mistura, poderá, de algum modo, ter influenciado a opção do prudente aprendiz diplomata.

Em versos foi mais afoito, publicou três volumes. Os primeiros dois, *Charneca* (1896) e *O pó da Estrada* (1898), apresentam tons de simbolismo noturno entremeado de paisagens marinhas. O terceiro, *Sul* (1905), a sua obra prima (que lhe granjeou alguma notoriedade), influenciado pelo estilo e a temática de Cesário Verde, ter-lhe-ia garantido um lugar entre os poetas menores na história da literatura portuguesa se, a partir daí, não tivesse descurado por completo a gestão da sua imagem de poeta e literato, para se dedicar aplicadamente à ascensão na carreira diplomática.

<sup>1</sup>Arquivo Diplomático das Necessidades, proc. M. Brederode, caixa 42.

O arquivo da sua correspondência oficial mostra-nos um diplomata aplicado, redator assíduo de correspondência oficial e notas informativas, esmerando-se na divulgação do nome e dos valores da cultura portuguesa no estrangeiro.

Era solteiro e encarava o dinheiro como mola real e meio para garantir uma vida luxuosa de boémia encapotada. Os seus primeiros passos em Bucareste, guiados por estratégias de adaptação, provavelmente clássicos na profissão, levam-no a vender funções consulares e promessas de condecorações portuguesas, o que o tornará alvo de queixas ao ministério, e até à maçonaria portuguesa por parte de algumas vítimas dos seus negócios. São enviados para Portugal relatórios de polícia privada e cartas de acusação fundamentadas com dezenas de documentos comprovativos de um comportamento altamente irregular, descortês, arrogante, prepotente, chegando ao ponto de se exibir em companhia de «cocottes» que fez passar por esposas legítimas. Considerado inconveniente e imoral, o palácio real hesita em lhe franquear a entrada, que ele força à custa de atribuição de condecorações, insígnias portuguesas que está mandatado a entregar ao próprio Rei.

Em Lisboa, os inimigos políticos do protetor, o seu irmão ministro, fazem circular rumores de críticos republicanos dessa diplomacia monárquica que parece apostada em sabotar o nome da República com a irregularidade dos seus comportamentos. Rocha Martins publica num artigo sob o título expressivo *Um Diplomata Português e as Balbúrdias de Bucareste* (1925), um libelo contra o diplomata, baseado, ponto por ponto, nos relatórios anónimos enviados para o Ministério de Negócios Estrangeiros de Lisboa.

Indiferente ao burburinho lisboeta, Martinho de Brederode, que só o Estado Novo conseguirá destituir, usando um artifício legal autoritário, prossegue em Bucareste uma interessante atividade de divulgação de Portugal na imprensa romena, mantendo correspondência com amigos importantes como Ricardo Jorge, Júlio Dantas, etc., que lhe manifestam apoio incondicional.

Entre as notícias de Portugal que consegue publicar na imprensa romena, destacam-se um artigo de página inteira sobre Luís de Camões e Vasco da Gama, no *Jornal Viitorul* (1925), órgão liberal, provavelmente da sua autoria, mas assinado pelo tradutor romeno Ion Fotino; uma interessante campanha de divulgação em toda a imprensa dos voos transcontinentais de Gago Coutinho e Sacadura Cabral em 1922, e de Brito Pais e Sarmento de Beires em 1924, entre Lisboa e Macau.

Por ocasião da publicação no *Universul*, o maior quotidiano romeno da época, duma nota sobre o raide de 1924, ficamos a saber que se tornara amigo de Mateiu I. Caragiale (1885-1936), que assina a tradução. Este era filho natural do grande escritor e dramaturgo romeno Ion Luca Caragiale, de quem diverge em tudo, à exceção da veia literária, que nele se manifesta tarde e parcimoniosamente, mas com enorme êxito, através de um único romance *Craii de Curtea-Veche* de proporções diminutas, mas que foi de imediato perçecionado por críticos e leitores como uma joia rara na evolução do romance romeno.

À semelhança de Brederode, também Mateiu Caragiale é autor de algumas poesias, um ciclo *Pajere (Águias)*, de duas novelas e do romance cujo título é impossível traduzir rigorosamente noutra língua, e que à diferença de *A Morte do Amor* de Sponti/Brederode, representa um cume literário unanimemente reconhecido no panorama da prosa romena.

Numa tradução para um quadro de referências português do intransponível substantivo “Crai” diríamos que se trata dos «Marialvas da Corte Velha», título propositadamente ambíguo, Corte Velha sendo um sítio de Bucareste e um topos do romance, mas também uma alusão à sociedade do antigo regime.

Na correspondência oficial e privada de Brederode, que noticia todos os contactos com grandes personalidades da política e da cultura romena, não encontramos uma única referência ao filho do grande dramaturgo Ion Luca Caragiale. O facto não é de estranhar, por várias razões, entre as quais, a diferença de idade e a falta de prestígio literário que, à data, o seu amigo ainda não havia logrado alcançar. Acresce que Mateiu Caragiale, filho natural complexado, tentava desesperadamente encontrar na função pública um lugar adequado à sua fantasia quase doentia de heraldista e genealogista, fascinado pela aristocracia do antigo regime, e imaginava ser ele próprio descendente, por artimanhas da sua ciência, de alguma costela titular, por modesta que fosse. Neste intento, encontrava sistematicamente pela frente o escárnio burguês do ilustre pai e por isso terá sido levado a apreciar e a simpatizar com a figura de fidalgo português, arrogante e libertino, frequentador dos «bas fonds» bucarestinos.

Sabemos por algumas crípticas anotações das agendas pessoais de Mateiu Caragiale (1979) que se tornara uma espécie de *factotum* da Legação portuguesa, fazendo préstimo dos seus dons de heraldista ao ministro e traduzindo para o romeno as notas sobre Portugal com que este bombardeava as redações dos jornais bucarestinos.

Em 1924, aquando da comemoração oficial do centenário de Vasco da Gama, o governo da República Portuguesa encomendou a Henrique Lopes de Mendonça, o académico autor da letra da canção “A Portuguesa”, uma brochura de apresentação do herói das comemorações que foi enviada para as Legações de Portugal nos países aliados e amigos, com a menção de ser aí traduzida e publicada.

Sem mais demoras, Brederode traduziu o texto para francês e encarregou M. Caragiale da tradução romena e da sua publicação no jornal *Universul*, dirigido por Stelian Popescu, um amigo dos Caragiale. Terá então feito a promessa de uma condecoração portuguesa, especulando sobre a paixão que o seu amigo e servidor manifestava por títulos de nobreza e insígnias de prestígio? A julgar pelas anotações do diário de Mateiu Caragiale, prometeu-lhe provavelmente a Cruz de Cristo.

A admiração de Mateiu Caragiale pelo ministro português terá sido grande; Brederode é a única pessoa convidada a jantar na sua casa, pouco depois do casamento do escritor com Maria Sion, uma senhora idosa e rica, que lhe garantiu uma existência sem preocupações, embora modesta relativamente às suas expectativas e ambições. O exemplo do diplomata português terá certamente determinado a ambição, ensaiada mas nunca alcançada por M. Caragiale, de ser aceite na diplomacia romena. Mas a relação dos dois literatos vai-se cessar abruptamente na hora da publicação no *Universul* da prosa de Lopes de Mendonça sobre Vasco da Gama, que aliás aparece sem o nome do tradutor<sup>2</sup>, tendo ulteriormente até sido erradamente atribuída a Caragiale pela crítica literária em virtude de uma identificação estilística, apesar de o nome do académico português Lopes de Mendonça figurar no último parágrafo do artigo como alegado autor do texto.

Termina, nesse mesmo dia de 21 de janeiro de 1925, a amizade pessoal de um diplomata português, ex-romancista e poeta sem fama, e um poeta romeno, futuro romancista afamado e candidato sem êxito à diplomacia do seu país. Três anos mais tarde será publicado o romance *Craii de Curte-Veche* de Mateiu Caragiale na prestigiosa editora Cartea româneasc .

O romance é constituído pela narrativa, ao mesmo tempo realista e fantástica, das deambulações de quatro personagens masculinos pelas noites da boémia noturna e do

<sup>2</sup> *Universul*, n.º 16, 21 de janeiro de 1925.

submundo bucarestino do final do século XIX, entrecortadas por voos imaginários ao universo sublime de viagens pelos mares e pela história dos personagens mais velhos, Pantazi e Pasadia. Entre os personagens existem várias linhas de simetria e de assimetria: dois são jovens, dois são velhos, dois são amigos, dois são inimigos, etc.

O retrato psicológico e cultural dos personagens – Pantazi, Pasadia, Pirgu, sendo o quarto o próprio narrador – são de tal maneira fascinantes, que logo à partida os leitores romenos, admiradores incondicionais do universo romanesco de Mateiu Caragiale, se colocaram o problema dos modelos reais. Várias foram as hipóteses aventadas, sem que o autor tenha jamais quebrado o sigilo a tal propósito. Por fim, concluiu-se da inexistência de tais modelos, triunfando a hipótese do carácter inteiramente ficcionado das fascinantes figuras, quase emblemáticas, da vida noturna bucarestina.

Alguma crítica<sup>3</sup> de detalhe chama a atenção para a impercetível mas substancial diferença de espaço atribuído aos personagens no romance, sendo Pantazi aquele que detém o maior espaço narrativo e a relação privilegiada com o narrador, que embora não decline o seu nome, é unanimemente percebido como um *alter ego* do autor.

Obviamente a crítica e a historiografia literária romena não leram o obscuro romance *A Morte do Amor*, de um tal Marco Sponti, insuspeito pseudónimo de um esquecido diplomata português.

Se o pudessem ter lido, descobririam n' *A Morte do Amor* a narrativa dos encontros e desencontros de quatro personagens masculinos, que arrastam o seu *spleen* pelos ambientes diurnos e noturnos da boémia lisboeta, e entre os quais se tecem relações de simetria e assimetria, semelhantes às dos personagens de *Craii de Curtea-Veche*.

O romance de Mateiu Caragiale não é todavia um plágio do romance de Brederode, mas o personagem central da sua narrativa, Pantazi, aquele com que o personagem narrador tem uma relação quase filial de estima e admiração incondicional, é indiscutivelmente um retrato, embora favoravelmente distorcido, de Martinho de Brederode.

Só no momento em que Pantazi revela a história pessoal que motivou o seu celibato (o muito comentado episódio de Wanda), o romance de M. Caragiale frisa o plágio da passagem em que, no romance de Brederode, o velho Jorge Word Correia confia ao seu jovem amigo Jorge Freire, personagem central e *alter ego* do autor, a razão da sua opção pelo celibato e a sua misoginia. As narrativas de Word Correia e de Pantazi são as mesmas, com as devidas acomodações ao quadro lisboeta ou bucarestino.

Duvidamos, todavia, que M. Caragiale tivesse lido o romance do seu amigo Brederode ou que nele se inspirasse diretamente. Mesmo que dispusesse de um exemplar, ter-lhe-ia sido difícil entendê-lo em português, mas aceitando como sólida a hipótese do personagem Pantazi ser inspirado por Brederode. É natural que a narrativa de uma história com fundamento biográfico evidente, posta na boca de um dos personagens do seu romance *A Morte do Amor*, possa ter sido, trinta anos depois, contada como acontecimento biográfico e não literário, por Brederode ao seu amigo e confidente Mateiu Caragiale, que a usará como história do personagem que o seu efémero amigo inspirou.

Há no romance de Mateiu Caragiale muitos outros pequenos detalhes que nos permitem vislumbrar Brederode por trás do fascinante Pantazi. O romance acaba com uma cena em que o narrador acompanha até à fronteira o seu amigo Pantazi no vagão-restaurante do comboio internacional que o levará para a sua «(...) 'quinta' manuelina, que numa costa

<sup>3</sup> Roxana Sorescu, *Gore Pirgu, Cherubinul*, ARC, 1-2/97, Fundația Culturală Română.

do oceano, num canto lusitano paradisíaco, abrigou em tempos amores reais». O uso inadvertido por Caragiale do portuguêsismo «quinta» sem nenhum equivalente romeno, pôs em grande dificuldade a exegese, que até há bem pouco tempo não foi capaz de interpretar o sentido desta frase. Provavelmente ela seria um piscar de olhos ao velho amigo Brederode que não havia abandonado a Roménia, como Pantazi, o personagem cuja identidade romanesca ajudara a construir com muitos detalhes da sua vida e do seu genuíno feito.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Brederode, que recebia a sua reforma ministerial na Roménia por intermédio da Legação suíça, dirigiu às autoridades portuguesas o pedido de dinheiro para o seu repatriamento e o da sua esposa. António Ferro, então embaixador de Salazar em Berna, enveredou esforços nesse sentido. Foi enviada ao antigo diplomata uma quantia importante, julgada suficiente, para o empreendimento da viagem, dificultada pelo estado de destruição em que a guerra deixara as vias de comunicação da Europa Central, acrescida pelas barreiras erigidas pela Guerra Fria.

Tudo leva a crer que a verdadeira intenção do velho diplomata era a de extorquir alguma quantia suplementar ao sobrevivente Estado Novo. Despeitado pelo expediente encontrado em 1934 para abreviar por dois anos a sua passagem compulsiva à reforma, jurara não mais voltar a pisar a pátria dos seus antepassados e da sua inspiração literária juvenil.

À exceção de um singelo poema, datado de Bucareste, 4 de dezembro de 1932, dactilografado e enviado à família, não consta ter voltado a poetizar e tão pouco ficamos a saber se se terá apercebido de ter servido de modelo a um dos mais fascinantes e enigmáticos personagens da literatura romena, ficcionado por um efémero colaborador, desprezado e esquecido, a quem sobreviveu, aliás, por mais dezasseis anos, na sua pátria de adoção.

## Bibliografia

- Arquivo Diplomático das Necessidades*, proc. M. Brederode, caixa 42.  
 Brederode, Martinho. 1905 *Sul*, Tipografia Castro Irmão, Lisboa.  
 Caragiale, Mateiu. 1979. *Dosar al existenței*, Muzeul Literaturii Romane.  
 Mendonça, Henrique Lopes de. 1924. Brochura de apresentação de Vasco da Gama, impressa na Imprensa Nacional, Lisboa.  
 Martins, Rocha. 1925. *Um Diplomata Português e as Balbúrdias de Bucareste*, Fantoques, Lisboa.  
 Sponti, Marco [Martinho de Brederode]. 1894. *A Morte do Amor*, Livraria Ferin, Lisboa.  
 Sorescu, Roxana. *Gore Pirgu, Cherubinul*, ARC, 1-2/97, Fundația Cultural Român .  
*Jornal Viitorul*, Órgão liberal, 13 de fevereiro de 1925.  
*Jornal Universul*, n.º 16, 21 de janeiro de 1925.